

O GÊNERO “COMPTE RENDU” E A ESCRITA FORMAL FRANCESA

Herbertt Neves¹

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: A partir de algumas abordagens sobre a teoria de gêneros textuais/discursivos, propomos uma análise descritiva acerca do “compte rendu”, técnica de escrita francesa. Identificando algumas das principais características dessa escrita, sobretudo em relação aos critérios adotados por Bakhtin (1992) para definição dos gêneros do discurso, estilo, construção composicional e conteúdo temático, tecemos alguns paralelos entre esse gênero do francês e seu correspondente em língua portuguesa, a resenha. A presente pesquisa, de cunho bibliográfico, objetiva trazer contribuições para a prática do professor de Francês Língua Estrangeira (FLE), por meio da melhor compreensão do pensamento francês, pela análise de sua escrita formal.

Palavras-chave: gêneros textuais; “compte rendu”; resenha.

1. Introdução

O estudo dos gêneros textuais (doravante GT) e sua relação com o ensino de língua materna (em nosso caso, a língua portuguesa) já é um tema bastante discutido em Linguística (DIONÍSIO, MACHADO E BEZERRA,

1. Trabalho resultante de minha monografia de conclusão do perfil de Pesquisador em Língua Francesa, do Bacharelado em Letras da UFPE, orientada pela Profa. Dra. Joice Armani Galli e pela Profa. Dra. Simone Pires Barbosa Aubin e defendido no segundo semestre de 2012.

2005; KARWOSI, GAYDEZCA E BRITO, 2011; ANTUNES, 2009; MARCUSCHI, 2005, 2011; SCHNEUWLY E DOLZ, 2004; LOPES-ROSSI, 2002; MOTTA-ROTH, 2002; MEURER, BONINI E MOTTA-ROTH, 2005). No ensino das línguas estrangeiras (doravante LE), não é diferente: aprender o francês, o espanhol, o italiano, o alemão ou qualquer outra língua por meio de situações de uso já é prática pedagógica corrente nos diversos cursos de idioma. Tal discussão também é feita por muitos desses autores, ao tratarem o ensino por meio dos gêneros de forma mais abrangente, para a aprendizagem de línguas em geral. Encarando o GT como uma situação de uso da língua (MARCUSCHI, 2005), vê-se que é natural, então, aprender uma nova língua também por meio de variados GTs. Tais gêneros vão tentar suprir os diversos contextos de interação linguística a que o estudante pode ser submetido em contato com uma determinada língua.

A partir desse contexto do ensino de línguas, surge cada vez mais a necessidade de caracterizarem-se gêneros. Como mostra Marcuschi (*ibidem*), há inúmeros GTs na sociedade. É válido, pois, tentar caracterizá-los para que se possa ter aplicação posterior, especialmente quando se trata de ensino de língua. Neste trabalho, pretendemos proceder a uma investigação sobre as características de determinado gênero. Como recorte metodológico, escolhemos caracterizar um gênero² da língua francesa, o “compte rendu”, caracterização que pode ter reflexos para o ensino do Francês Língua Estrangeira (doravante FLE). Mostraremos também algumas relações entre o “compte rendu” e a “resenha”, sua forma aproximada e correspondente em língua portuguesa.

Por ser um trabalho de cunho bibliográfico, não vamos buscar a defesa de uma hipótese. Iremos, aqui, mostrar características de um gênero (neste caso, o “compte rendu”). A relevância deste estudo aparece quando percebemos que as características do gênero “compte rendu” podem

2. Não consideramos pertinente discorrer aqui sobre a nomenclatura distinta entre técnica de escrita e/ou gênero textual. Adotaremos desde sempre o termo “gênero” quando nos referirmos ao “compte rendu”.

constituir recursos produtivos para o aprendizado dos alunos, buscando o desenvolvimento da opinião e do senso crítico, através da autonomia do pensamento e dos processos cognitivos desencadeados pela aquisição de uma LE (GALLI, 2006).

Nosso trabalho, então, terá o seguinte objetivo geral: caracterizar o gênero francês “*compte rendu*”, mostrando alguns paralelos com o gênero ‘*resenha*’. Como objetivos específicos, iremos:

- analisar o conceito de gêneros à luz da teoria de Bakhtin;
- mostrar, de acordo com critérios estabelecidos, as peculiaridades e características do gênero “*compte rendu*”;
- comparar o gênero da língua francesa “*compte rendu*” com o gênero da língua portuguesa “*resenha*”.

Metodologicamente, este trabalho terá um caráter acentuadamente bibliográfico, com um recorte de alguns postulados de Bakhtin (1992). Na presente introdução, fizemos uma breve iniciação ao tema, bem como mostramos os objetivos do trabalho, o percurso metodológico de análise e a importância de nossa abordagem para os estudos linguísticos e para o ensino de línguas. Em seguida, vamos discorrer sobre a noção de GT de acordo com Bakhtin (1992). Após essas considerações, faremos a análise específica do gênero “*compte rendu*”, mostrando as características peculiares desses textos e do modelo francês de escrita formal. Para tal análise, basear-nos-emos nos critérios de Bakhtin (1992) para constituição do GT: conteúdo temático, construção composicional e estilo. Além disso, iremos proceder a uma espécie de comparação entre as escritas francesa e brasileira, tomando como ponto de observação os gêneros “*compte rendu*” (do francês) e “*resenha*” (do português).

2. O estudo de Bakhtin (1992) sobre os gêneros do discurso

É central na teoria dos gêneros empreendida pelo pensador russo Mikhail Bakhtin (1992) a noção de gêneros do discurso como “tipos relativamente estáveis de enunciado”. Tal noção foge a um pensamento do

gênero puramente linguístico, pois, uma vez que trata de forma relativa a estabilidade dos enunciados, reconhece os gêneros como uma categoria discursiva (gêneros seriam, pelo que ele postula, formas de enunciação, e não formas de texto) que está sujeita às intervenções do contexto. Para ele, os gêneros do discurso são fenômenos socioculturais, e por isso são passíveis de constantes inovações, provenientes das situações de uso em que eles estejam inseridos.

Antes de entrar propriamente na discussão bakhtiniana a respeito dos gêneros, devemos observar o que vem a ser, em sua teoria, um enunciado, uma vez que ele caracteriza os gêneros como sendo tipos de enunciado. Para o autor:

a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada dos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 1992, p. 279)

Em outras palavras, o enunciado (noção que se confunde, em alguns pontos de sua obra, com a de gênero) refletiria, em seu conteúdo temático, seu estilo verbal e em sua construção composicional, condições específicas das esferas de atividade humana. Esses enunciados são sempre “proferidos” pelos integrantes de esferas da atividade humana.

Para Bakhtin (1992), um enunciado nunca se repete, é um evento único na comunicação humana. Mesmo que ele seja retomado ou citado, já o será em outras condições sociais de comunicação, o que já o torna um novo evento. É por isso que não pode ser levado em conta para a definição de um enunciado apenas o componente linguístico. Grosso modo, podemos

definir “enunciado” como sendo um texto envolto em uma situação social de interação. Além disso, o autor também destaca o enunciado como “unidade real de comunicação discursiva”, pois é apenas através dele que o discurso passa a existir, passa a tomar forma.

Partindo dessa noção, Rodrigues (2005) destaca, de acordo com Bakhtin, os gêneros como “formas relativamente estáveis e normativas de enunciado”. Dentro dos estudos do Círculo de Bakhtin, os gêneros do discurso também são caracterizados como “formas de discurso social”, “formas de um todo”, “tipos de interação verbal”. Tais observações mostram os gêneros como uma pluralidade de categorias das ações desenvolvidas discursivamente, constituindo uma “tipificação social” de enunciados que apresentam determinadas regularidades que os identificam como sendo de uma mesma natureza, ou seja, pertencentes a um mesmo grupo.

Na própria definição bakhtiniana de gênero (“tipos relativamente estáveis de enunciado”), podemos perceber tanto seu caráter de tipificação social quanto seu caráter não estático. Este último traço, o não estatismo dos gêneros, é consequência de sua permanente construção histórica nas atividades humanas. Ao mesmo tempo em que o gênero é concreto (podemos reconhecê-lo em diferentes exemplares, os textos), ele também é situado historicamente, sendo um processo contínuo de comunicação humana, podendo, por ser processo, estar sujeito a mudanças. Para explicar essas características dos gêneros, é válido destacar o que Rodrigues aponta:

O Círculo [de Bakhtin] enfatiza a relativa estabilização dos gêneros, o seu caráter de processo ligado à atividade [comunicativa] humana (e não de produto apenas), pois, ao mesmo tempo em que se constituem como forças “reguladoras” para a construção, o acabamento e a interpretação dos enunciados, também se renovam a cada situação social de interação, pois cada enunciado individual contribui para a existência e continuidade dos gêneros. (RODRIGUES, 2005, p. 166)

Outro ponto discutido na teoria bakhtiniana dos gêneros é que eles são sempre relacionados a uma das diversas esferas da atividade e comunicação humanas. São situações de interação que só existem dentro de determinada esfera social. Além disso, mesmo dentro de uma mesma esfera comunicativa, a cada nova situação de interação verbal corresponderá um gênero. Assim, é apenas nesses contextos discursivos e em situações de interação que se consegue apreender, por meio das já citadas ações sociais de comunicação, a constituição e o funcionamento dos gêneros. Nesse sentido, o “*compte rendu*” é um gênero propício para o aprendizado do FLE, uma vez que seu contexto discursivo é deveras reconhecível nos meios de comunicação. Acrescente-se a isso o fato de sua função social ser bastante difundida na esfera jornalística, sendo, dessa forma, de aplicabilidade inegável.

A partir dessa constatação, uma observação pertinente ao ensino de FLE se faz cabível: a aprendizagem dos gêneros e, consequentemente, da língua só é útil se feita por meio dos contextos de uso em que eles estão inseridos. Tal procedimento facilita a compreensão do aluno a respeito do processo que configura um gênero. Além disso, entendendo melhor o contexto comunicativo do gênero, fica mais fácil o entendimento de suas finalidade e estrutura.

Por meio de todas essas considerações a respeito dos gêneros, podemos entender mais claramente o papel central que essa categoria assume, na teoria de Bakhtin, no processo de interação verbal. A esse respeito e a respeito da diferenciação entre forma linguística e gênero discursivo, Rodrigues aponta que:

Para além do domínio das formas de determinada língua (léxico, gramática), é necessário, para a interação, o domínio dos gêneros. As formas da língua e os gêneros do discurso são necessários para a interação, embora os gêneros, em comparação com as unidades da língua, sejam diferentes no que se refere a sua estabilidade e normatividade. As formas dos gêneros

são bem mais flexíveis e combináveis, plásticas, mais sensíveis e ágeis às mudanças sociais do que as formas da língua. (RODRIGUES, 2005, p. 167)

Feitas todas essas considerações a respeito dos gêneros, um ponto vai nos interessar em particular: os critérios utilizados por Bakhtin para definir quando um enunciado poderá ter estatuto de gênero, afora o fato de ele ter uma tipificação social. São estes os critérios, já citados aqui: conteúdo temático, construção composicional e estilo.

O conteúdo temático, ou simplesmente tema, são “conteúdos ideologicamente conformados que se tornam comunicáveis (dizíveis) através do gênero” (ROJO, 2005, p. 196). É o componente do enunciado que comporta sentidos e faz referência a objetos do discurso. Em um gênero do discurso, o conteúdo temático é identificado no objeto discursivo nele tratado, na finalidade discursiva (ou comunicativa) e na orientação de sentidos voltada para o interlocutor.

A construção composicional de um enunciado é percebida na organização, na disposição e no acabamento do discurso como um todo e em sua relação com os participantes do processo comunicativo. Nas palavras de Rojo (*op. cit.*), a forma composicional de um gênero é composta pelos “elementos das estruturas comunicativas e semióticas compartilhadas pelos textos pertencentes ao gênero”. Essa composição é diversa, o que vai definir os diferentes gêneros. Até mesmo dentro de um mesmo gênero podemos encontrar uma heterogeneidade de composições, o que mostra mais uma vez seu caráter de relativo estatismo.

O estilo verbal de um enunciado é a seleção dos recursos da língua a serem utilizados. Segundo Rojo (*op. cit.*), as marcas linguísticas de um gênero (seu estilo) são “as configurações específicas das unidades de linguagem, traços da posição enunciativa do locutor e da forma composicional do gênero”. Em outras palavras, é o uso típico dos recursos da língua presente em cada gênero, que pode, ainda, aparecer no estilo individual do autor, o que nos permite atribuir um caráter de autonomia na proposição que

deve ser feita aos alunos de FLE. Bakhtin (1992) destaca que, quanto mais o estilo individual do autor puder sobressair e ser definidor do estilo do próprio gênero, mais esse gênero será produtivo no discurso; é o caso dos gêneros da literatura, por exemplo.

Feitas todas essas considerações a respeito da proposta de Bakhtin (1992), podemos, então, analisar o gênero “compte rendu”. No capítulo seguinte, vamos realizar essa análise a partir dos critérios para definição dos GTs desenvolvidos por Bakhtin (1992), pioneiro nesse tipo de estudo.

3. O gênero “compte rendu”

Vamos, nesta seção, analisar alguns aspectos característicos do gênero “compte rendu”, mostrando, sempre que possível, algumas relações com o ensino do FLE e com o gênero resenha.

I. Para Gingras (2005), a produção de um “compte rendu” é a elaboração de uma espécie de relatório conciso sobre algo, baseando-se em sua opinião. Será, então, um texto pessoal no sentido de que vai depender da opinião de quem o escreve. Frequentemente, o “compte rendu” é acompanhado de uma análise crítica do objeto em questão. É isso que vai definir o “compte rendu critique”, que, para o autor, é a exposição das ideias essenciais de um texto acompanhadas de uma análise crítica feita a partir de critérios explícitos; não é apenas uma simples explicação do texto (o autor aponta isso como um objetivo da dissertação). Este último é o sentido de “compte rendu” que tomamos neste trabalho. Os critérios de análise são expostos pelo autor, em linhas gerais, na passagem:

Frequentemente praticado pelos comentadores políticos nas mídias, o “compte rendu critique” é um excelente trabalho intelectual para os estudantes em ciências humanas. Ele lhes permite se situarem nos debates e aguçarem seu senso crítico. O “compte rendu critique” introduz também pontes entre diferentes formas de pensamento. Nesse sentido, é um

exercício pluridisciplinar, pois a crítica de um texto pode se estabelecer a partir de elementos históricos, de fatos sociológicos, de um pensamento ético, etc. (GINGRAS, 2005, s.p.)³

Em “*compte rendus*” mais simples, a análise crítica vem toda no final; nas mais complexas (e empregadas com mais frequência), essa análise vem integrada ao texto. Tal integração pode ser vista a partir de marcadores de opinião como “selon”, “nous pensons que”, etc. Além desses marcadores, expressões maiores de opinião como orações subordinadas a verbos opinativos e a direção argumentativa de um texto podem ser outras opções de abordagem no ensino do FLE.

Em resumo, podemos dizer que uma marca do conteúdo temático do “*compte rendu*”, tal qual a resenha em língua portuguesa, é a análise crítica de um objeto, que pode ser um livro, um filme, uma peça de teatro, etc. Um primeiro traço de sua construção composicional é a frequente integração entre a descrição do objeto em questão e sua análise crítica, feita a partir de critérios estabelecidos e indicados no próprio texto. Na resenha escrita em língua portuguesa, a integração entre descrição e análise é quase que obrigatória; o que vai diferenciá-la do “*compte rendu*” é a não obrigatoriedade de exporem-se os critérios de análise no texto em português (MACHADO, LOUSADA e ABREU-TARDELLI, 2004). Tal exigência em língua francesa pode ser explicada pelo modelo de escrita, que apontamos no início deste trabalho, isto é, no *plan* tudo deve ser cuidadosamente indicado para o leitor.

3. Texto original: Fréquemment pratiqué par les commentateurs politiques dans les médias, le compte rendu critique est un excellent travail intellectuel pour les étudiants en sciences humaines. Il permet de se situer dans les débats et d'aiguiser son sens critique. Le compte rendu critique introduit aussi des passerelles entre différentes formes de pensée. En ce sens, c'est un exercice pluridisciplinaire, car la critique d'un texte peut s'établir à partir d'éléments historiques, de faits sociologiques, d'une pensée éthique, etc. (tradução de responsabilidade do autor)

2. Em relação à linguagem do “*compte rendu*”, nas palavras de Bakhtin (1992), seu estilo verbal, o texto deve ser claro e conciso. Uma linguagem direta deve orientar o leitor para a compreensão dos pontos principais da obra em análise. Nesse ponto, encontramos grande semelhança com a resenha do português, que também deve ser desenvolvida com uma linguagem clara e acessível ao leitor, sem marcas de subjetividade evidentes. No ensino do FLE, o trabalho com a resenha é um meio precioso para o desenvolvimento da concisão e da clareza na escrita, que poderão ser empregadas em diversos outros textos formais, principalmente nos de maior extensão.

3. Ainda nos planos do estilo e do conteúdo temático, a análise da obra deve ser feita a partir dos traços da escrita do autor. Para que o “*compte rendu*” seja bem feito, é necessário que o escritor compreenda a essência geral da obra, como os sentidos gerais são nela veiculados e o contexto em que ela está inserida. Duas críticas específicas podem ser feitas a partir daí: uma crítica interna, que versará sobre aspectos contidos no próprio texto, como o estilo de escrita do autor ou as informações veiculadas, e uma crítica externa, que vai analisar aspectos do contexto no qual a obra em questão está imersa. Há aqui outro ponto de convergência entre o “*compte rendu*” do francês e a resenha do português.

4. A crítica feita no “*compte rendu*” deve levar em conta os pontos fortes e os pontos fracos da obra em análise, seguindo vários critérios de análise. De acordo com Gingras (2005), os pontos fortes de análise em um “*compte rendu*”, que dão qualidade ao texto, são: a clareza e o valor da ideia principal; o quadro global de explicação do tema e a problemática desenvolvida a respeito de tal tema (sobretudo a forma como esse problema é colocado); a clareza e a qualidade das ideias secundárias; o rigor metodológico da argumentação (consequência do rigoroso pensamento francês de escrita, já apontado por nós no início deste trabalho); a pertinência dos exemplos e das ilustrações; a coerência e a organização do texto; e o estilo do autor, que passa pela tônica com a qual ele trabalha a temática e pela qualidade linguística de seu texto.

Em tais pontos, encontramos várias características do “compte rendu”. Em relação ao estilo, podemos destacar a importância da clareza na exposição das ideias e da correção linguística, pontos também cruciais na resenha em língua portuguesa. Em relação à construção composicional, é possível observar o rigor exigido na construção argumentativa, que deve seguir uma linha lógica de pensamento, sempre com uma riqueza de exemplos bem estruturados. Na resenha do português, essa estruturação é mais livre, não havendo necessidade de uma variedade de exemplos, embora sejam importantes também na argumentação.

No tocante ao conteúdo temático, a abordagem do tema da obra analisada deve ser minuciosa, situando exatamente o leitor no contexto geral de tal obra. Em língua portuguesa, a identificação pormenorizada do contexto em que se situa o tema da obra resenhada não se faz tão necessária, sendo apenas realizada uma pequena abordagem do tema da obra em geral.

5. No “compte rendu”, a compreensão total da obra resenhada é um ponto crucial para o bom desenvolvimento do texto. Gingras (2005) destaca que, para compreender um documento que deverá ser criticado por nós, é preciso, de antemão, reconhecer o pensamento e a intenção do autor da obra. Em seguida, devemos levar em conta o estilo e o tom empregados, diferenciando as ideias principais das ideias secundárias. Só seguindo esses passos poderemos desenvolver uma boa reflexão acerca do objeto em análise. Podemos observar, então, que o ponto de partida para o “compte rendu” é o conhecimento do contexto no qual o autor da obra se situa. Isso, como destaca Contentin-Rey (1995), facilita a compreensão do texto ou da obra criticado(a).

O contexto é algo variado, que deve ser entendido em um todo e, por isso, vai requisitar bastante do leitor que se propõe a ser um leitor crítico, que procederá a uma análise do texto/obra (KOCH, 2009). Essa é uma dificuldade enfrentada na produção tanto do “compte rendu”, em francês, quanto da resenha, em português: conhecer a fundo todas as nuances do contexto da obra. Na língua francesa, isso é ainda mais importante, uma vez que devem ser explícitas no próprio “compte rendu” as considerações

a respeito do contexto da obra em análise. No ensino do FLE, essa dificuldade é frequente na produção dos alunos: escrever um “compte rendu” não é simplesmente fazer um apanhado geral das ideias de um autor em uma obra, é mais que isso, trata-se de conhecer a fundo a multiplicidade de contextos em que o autor e a própria obra se situam. Para Gingras (2005), a análise do contexto é a crítica externa, que deve preceder a análise do texto, a crítica interna. Ainda segundo o autor:

Para situar o contexto de um documento a ser criticado, é preciso de antemão possuir informações sobre seu autor, a corrente intelectual e os meios cultural, social ou político nos quais ele evolui. É preciso, em seguida, saber a quem ele se destina através do documento em estudo: ao grande público, a intelectuais provenientes de meios variados, a especialistas? Para que uma crítica [interna] seja honesta, é preciso levar em conta esse contexto: não podemos censurar um texto que se destina ao grande público por não entrar em considerações detalhadas que só especialistas poderiam compreender ou apreciar. (GINGRAS, 2005, s. p.)⁴

Esse estudo do contexto em que se situa o conteúdo temático do texto é favorável, no ensino do FLE, para o trabalho com a Literatura Francófona. Os estudos literários podem ser desenvolvidos a partir de “compte rendus” de obras centrais da Literatura Francófona. Por meio deles, os alunos terão

4. Texto original: pour situer le contexte du document à critiquer, il faut d'abord posséder des renseignements sur son auteur, le courant intellectuel et les milieux culturel, social ou politique dans lesquels il évolue. Il faut ensuite savoir à qui il s'adresse à travers le document sous étude : au grand public, à des intellectuels provenant de milieux variés, à des experts ? Pour que la critique soit honnête, il faut tenir compte de ce contexte : on ne reproche pas à un texte qui s'adresse au grand public de ne pas entrer dans des considérations détaillées que seuls des experts pourraient comprendre ou apprécier. (Tradução de responsabilidade do autor).

espaço para o estudo: (1) das características gerais da obra do autor e do estilo literário em que ele se situa, a partir da crítica externa, feita com um estudo mais amplo do contexto da obra; e (2) do estilo e da temática empreendidos pelo mesmo autor, a partir da crítica interna, feita com um estudo pormenorizado da obra em questão.

Ainda em relação à análise do contexto (crítica externa), vale a pena destacar algumas considerações de Gingras (2005, s. p.):

A crítica externa traz mais da obra em seu contexto social, literário, ideológico ou científico (teórico, metodológico). Procura-se, então, mensurar a contribuição do texto ao avanço de uma ideia, de um tema, de uma disciplina científica ou da expressão de uma corrente literária. Deve-se avaliar sua originalidade, sua pertinência (atualidade) e seu interesse, sua importância.

É um exercício relativamente difícil, pois ele exige um bom conhecimento do autor estudado, do contexto no qual ele produziu sua obra, etc. É, então, importante resistir à tentação de censurar alguma coisa do autor esquecendo-se o contexto no qual ele escrevia ou de equivocar-se a respeito do impacto de uma obra num dado contexto...⁵

5. Texto original: La critique externe porte davantage sur l'œuvre dans son contexte social, littéraire, idéologique ou scientifique (théorique, méthodologique). On cherche alors à mesurer l'apport du texte à l'avancement d'une idée, d'un thème, d'une discipline scientifique ou à l'expression d'un courant littéraire. On doit évaluer son originalité, sa pertinence (actualité) et son intérêt, son importance.

C'est un exercice relativement difficile, car il exige une bonne connaissance de l'auteur étudié, du contexte dans lequel il a produit son œuvre, etc. Il est donc important de résister à la tentation de reprocher quelque chose à l'auteur en oubliant le contexte dans lequel il écrivait ou de se méprendre sur l'impact d'une œuvre dans un contexte donné... (Tradução de responsabilidade do autor)

Para que essa crítica externa seja bem feita, dois são os principais recursos que podem ser empregados: (1) a busca pelo tratamento do mesmo tema em outros contextos e (2) a busca pelo tratamento de outros temas dentro desse contexto. Pelo método comparativo, o aluno terá a capacidade de destacar os pontos relativos exclusivamente ao tema (mesmo que dentro do contexto) ou ao contexto.

6. Vistas as considerações sobre as formas com as quais podemos desenvolver a crítica externa em um “compte rendu”, vamos à abordagem de desenvolvimento da crítica interna, aquela feita estritamente a respeito do texto da obra em análise. Tal crítica é feita por meio da abstração do contexto no qual a obra foi produzida. Ela retrata apenas a forma, o conteúdo, destacando aspectos como a coerência e a lógica da obra, o rigor da argumentação, a escolha das ideias expostas e o estilo do autor (especificamente no texto) (CONTENTIN-REY, 1995). Todas essas observações farão parte da construção composicional do “compte rendu”. Em comparação com a resenha do português, um ponto que é exclusivo ao gênero francês é a análise do rigor argumentativo, preocupação advinda do estilo francês de escrita formal. No gênero de língua portuguesa, encontraremos mais observações acerca do estilo de linguagem do autor e sobre a forma como ele expõe suas ideias, se claras ou não, coerentes ou não.

Para essa análise do texto, vários recursos podem ser usados no “compte rendu”, a saber:

- (1) A observação das formas empregadas pelo autor para expor a problemática do texto. Se isso é feito de forma clara e precisa, apoiando-se em argumentos objetivos (como estatísticas, enquetes, dados, sondagens, testemunhos) ou subjetivos (impressões pessoais);
- (2) A verificação de relações lógicas entre a problemática exposta no texto e as explicações e soluções postas pelo autor;
- (3) A análise da conclusão da obra: o autor propõe soluções ou não? Isso é feito seguindo argumentos lógicos?;

- (4) A averiguação das proposições do autor: elas são realizáveis? Há condições viáveis para isso?;
- (5) A avaliação dos termos empregados pelo autor da obra na argumentação: ele os usa de igual forma do começo ao fim da obra? São termos criados ou já consagrados socialmente?

4. Conclusão

No caso do gênero “compte rendu”, o uso da língua se estabelece na expressão da opinião de um leitor de determinada obra sobre essa obra. Utilizando-se desse gênero no ensino do FLE, como será trabalhado um texto em que a opinião do aluno é mostrada na descrição de certo evento comunicativo (um filme, um livro ou um texto, por exemplo), o trabalho será propício para o desenvolvimento de muitas estruturas complexas da língua, como a concordância dos tempos verbais ou o emprego de marcadores lógicos da argumentação. Isso pode ser aplicado não só ao francês como também a outros idiomas, respeitando-se as particularidades e especificidades de cada língua e cultura. Com isso, além da averiguação da compreensão do aluno a respeito de um texto falado ou escrito, a produção de um “compte rendu” pode avaliar o nível de criticismo do discente em relação a um texto/ obra em LE.

Além desses aspectos, o trabalho com a escrita do “compte rendu” é uma forma de o aluno aprender o peculiar modelo francês de escrita formal. Desenvolve-se, a partir daí, um pensar crítico estruturado em uma linha quase cartesiana de pensamento, baseada na argumentação estruturada no raciocínio lógico. Outrossim, como o gênero vai tratar de outros textos francófonos, abordando temas recorrentes em francês, o conhecimento de culturas de língua francesa também pode ser adquirido a partir dessa prática de escrita. É nesse sentido que defendemos que o trabalho pedagógico com os gêneros não pode parar no sistema (linguístico); é imprescindível contemplar os níveis superiores de análise (aspectos sócio-históricos, valorações apreciativas, etc.), responsáveis maiores pelo

processo de interação comunicativa. Sem o aprendizado voltado para tais níveis, não haverá ensino significativo, uma vez que o aluno não terá contato com as dimensões significativas da linguagem.

Outro ponto que também merece destaque é a formação de um leitor/ produtor de textos acadêmicos. Uma vez que o “*compte rendu*” é um gênero de ampla circulação nos meios acadêmicos, um bom produtor desse texto será um bom leitor crítico do formato científico de escrita. Em outras palavras, produz-se um texto acadêmico para tratar criticamente de outro texto acadêmico, em uma relação formal de intertextualidade (MARCUS-CHI, 2009). Além disso, esse leitor/produtor crítico terá desenvolvida a sua autonomia na formação do pensamento. Ele será capaz de julgar também outros aspectos do mundo em que vive, em diversas áreas da sociedade.

Nessa forma de escrita acadêmica, como já apontamos com Gingras (2005), há basicamente duas ações: a crítica interna, feita especificamente a partir do texto da obra, e a crítica externa, feita a partir do contexto dessa obra. Observamos aí a importância social do ensino do “*compte rendu*”, uma vez que se trata da formação de leitores críticos que serão, por sua vez, disseminadores desse senso crítico, mostrando à sociedade formas de divulgar sua opinião, em um diálogo previsto numa sociedade democrática (GÉRAY, 1997).

Na comparação do gênero francês “*compte rendu*” com o gênero resenha da língua portuguesa pudemos destacar, em linhas gerais, mais semelhanças que diferenças. Analisando de acordo com os critérios de Bakhtin (1992), podemos dizer que o estilo de ambos é semelhante, sendo o rigor com a linguagem um traço mais marcante no “*compte rendu*”. Em relação à construção composicional, observamos que a resenha segue, como no gênero francês, um padrão de estrutura, sendo, no entanto, essa estrutura mais livre. No que tange ao conteúdo temático, não notamos grandes diferenças entre os gêneros que não aquelas já esperadas, relativas ao contexto de produção das obras analisadas.

Por fim, destacamos a contribuição de um trabalho como este para a divulgação de um gênero tão comum na Educação Básica da França, mas

ainda pouco conhecido no sistema educativo nacional. No Brasil, essa forma de escrita ainda é muito restrita ao Ensino Superior. Além desse aspecto, esperamos ter dado contribuição significativa para os professores de FLE, mostrando caminhos para se realizar um trabalho integrado entre leitura, escrita e análise linguística, especialmente em turmas cujo nível de língua seja mais avançado. O percurso que fizemos, situando uma teoria sobre os gêneros e, em seguida, analisando minuciosamente as características do “compte rendu”, pretendeu ser esclarecedor para orientar o professor de FLE em um trabalho significativo com o idioma em sala de aula.

Referências

- ANTUNES, Irandé (2009). *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial.
- BAKHTIN, Mikhail (1992) [1953]. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Dionisio, Angela Paiva; Machado, Anna Rachel; Bezerra, Maria Auxiliadora (org.) (2005). *Gêneros textuais & ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna.
- CONTENTIN-REY, Ghislaine. *Le résumé, le compte rendu, la synthèse*. Paris: CLE international, 1995.
- DOLZ, Joaquim; SCHENEUWLY, Bernard (2004). *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Roxane Rojo e G. S. Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras.
- GALLI, Joice Armani (2006). Sobre políticas públicas de ensino de línguas estrangeiras: um estudo sobre a formação leitora em língua francesa no Rio Grande do Sul, relações entre ensino fundamental e médio. In.: *Tecendo aprendizagens com a Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre*. Porto Alegre: SMED. (Conversações Pedagógicas na Cidade que Aprende, v. 2). pp. 331-336.
- GERAY, Christine. *Le Compte rendue de lecture*. Paris: Hatier, 1977.
- GINGRAS, François-Pierre (2005). Le compte rendu critique. *Cybermétho*. 25 de março de 2005. Disponível em: < <http://aix1.uottawa.ca/~fgingras/cybermetho/modules/comptrendu.html> >. Acesso em: 22/02/13
- KARWOSI, Acir Mário; GAYDEZCA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (org.) (2011). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (2009). *As tramas do texto*. 2. ed. Rio de Janeiro: Singular.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia (org.) (2002). *Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária.

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília Santos (2004). *Resenha*. São Paulo: Parábola Editorial. (Coleção Leitura e Produção de Textos Acadêmicos)

MARCUSCHI, Luiz Antonio (2005). Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In.: Dionísio, Angela Paiva; Machado, Anna Rachel; Bezerra, Maria Auxiliadora (org.). *Gêneros textuais & ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna. pp. 19-36.

_____. (2009) [2008]. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial.

_____. (2011). Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In.: KARWOSI, Acir Mário; GAYDEZCA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial. pp. 17-31.

MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.) (2005). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial.

MOTTA-ROTH, Désirée (org.) (2002). *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru: EDUSC.

RODRIGUES, Rosângela Hammes (2005). Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In.: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial. pp. 152-183.

ROJO, Roxane (2005). Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In.: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial. pp. 184-207.